

ENTREVISTA

Vijay Prashad¹

(Historiador, Jornalista; Diretor,
Tricontinental: Institute for Social Research)

Sobre o entrevistado

Vijay Prashad é um historiador e jornalista indiano, diretor do Tricontinental: Institute for Social Research e editor chefe da LeftWord Books. É chefe de redação do Globetrotter, um projeto do Independent Media Institute.

ORCID: 0000-0002-0631-7266

E-mail: vijay@tricontinental.org

1. Os Estados Unidos da América (EUA) mantêm uma presença e influência no Oriente Médio desde a 2ª Guerra Mundial. Minha questão é sobre o que temos testemunhado nos últimos anos, desde a guerra na Ucrânia e, mais especificamente, desde 07 de outubro de 2023 em Gaza, com o início do atual genocídio em curso. A emergência da China e da Rússia têm impactado a presença e a hegemonia dos EUA nas esferas política e militar global?

Vijay Prashad - O Instituto (Tricontinental) lançou em janeiro um estudo muito importante chamado "Hiperimperialismo, um estágio perigoso e decadente".² Esse texto foi feito junto a Global South Insights, que construiu uma das bases de dados mais efetivas, com informações estatísticas sobre eventos e processos no mundo. O que descobrimos? Primeiro, o Norte Global funciona e opera como um bloco. Esse bloco é, por um lado, político, e os países do G7 são o seu centro. Eles coordenam atividades, seja entre o Reino Unido e os EUA, ou os EUA e o Japão.

Não é uma teoria da conspiração, é uma conspiração. Eles se encontram em reuniões privadas e desenvolvem uma agenda. Escrevi sobre isso em “Poorer Nations”.³ Nas minutas das reuniões que analisei obtive uma noção dos encontros do G7 e o que os líderes discutiam. A Biblioteca Gerald Ford tem muitos desses materiais dos primeiros encontros do G7, em 1974, 1975, e assim por diante. A unidade política do G7 é a unidade política do Norte Global, já que eles trazem convidados, por exemplo, da Coreia do Sul e outros lugares.

A segunda forma em que esse grupo se organiza como bloco é militarmente. O coração disso é a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que ancora a aliança militar do Norte Global. A OTAN+⁴ também é uma realidade, com a Coreia do Sul, o Japão e assim por diante. Eles coordenam atividades militares e fazem exercícios militares combinados no Mar do Japão, no Mediterrâneo ou no Caribe. Essa OTAN+ é também um conjunto de tentáculos nas forças militares de outros países.

Agora, há um terceiro aspecto: uma unidade de inteligência. Começou como a Five Eyes Intelligence Network (FEYN), com Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos e Reino Unido. Agora há a Fourteen Eyes Intelligence Network (FtEYN 14) e também a Fourteen+⁵, com dispositivos de escuta em todo o mundo. O Google, que é usado com o Google Chrome - o site

de buscas usado por 80% dos usuários de internet - tem uma relação muito íntima com o exército dos EUA. Então, no que se refere a inteligência e vigilância, eles têm uma enorme vantagem e compartilham informações. Quando olhamos para os gastos militares, descobrimos que os países do Norte Global gastam a cada ano cerca de 75% do total dos gastos militares mundiais. Os EUA, de longe, lideram os gastos. A China gasta 12% do total. A Rússia ainda menos em termos da fatia total.

Portanto, a avaliação geral baseada nesses dados é que a China e a Rússia são, na verdade, poderes defensivos, não poderes agressivos. Eles querem defender suas fronteiras, se sentem ameaçados, e a Guerra da Ucrânia foi um exemplo disso. Eles [a Rússia] entraram na Ucrânia não para colonizar o país, mas para proteger o que eles viam como uma posição contra o avanço da OTAN em direção ao Leste. Eles não queriam que a OTAN movesse mísseis nucleares de curto alcance em Kiev ou, mais perto, na região de Donbass, pois ficariam a apenas 15-18 minutos de Moscou. A razão de os chineses estarem tão preocupados sobre o que acontece em Taiwan é que se os EUA colocarem mísseis nucleares de curto alcance perto de Taipei, estariam a 18-20 minutos de Beijing. Isso é inaceitável para esses países, o que os torna poderes defensivos, não poderes agressivos.

Desse modo, é errado considerar China e

Rússia como imperialistas. Eles não têm bases militares além-mar como os EUA, que têm 900 bases militares no exterior. Então essa questão da infraestrutura material do militarismo é um tema muito importante para responder sua questão. O que vemos é que esses países estão tomando posições mais fortes em temas globais. A China chamando a ocupação dos palestinos de um crime é uma declaração muito forte. Mas então você pode me perguntar, “por que a China não envia barcos para alimentar os palestinos? Por que a China não faz mais, por que a Rússia não faz mais?”. Bem, há algumas razões para isso.

A primeira, como poder defensivo, a China não quer provocar os EUA em lugares em que possam causar algum tipo de dano contra a China. Os EUA, logo no começo deste conflito [na Faixa de Gaza], enviaram parte considerável de uma grande frota naval para a parte oriental do Mediterrâneo, criando um cordão de isolamento ao redor de Israel. Então, para três ou quatro barcos cargueiros chineses que tentem navegar pelo Estreito de Gibraltar em direção a Gaza, terão que passar por meio do bloqueio efetivo dos EUA. Eles não têm a confiança militar para desafiar os Estados Unidos. Mesmo quando congressistas dos EUA viajam a Taipei [Taiwan], em grupos de mídia social, chineses sempre dizem: “Por que não abatemos o avião? Por que permitimos isso?”. Bem, porque eles [autoridades chinesas] não querem a confrontação, são prudentes. Mas a

prudência significa que eles não podem prover uma assistência efetiva.

Gaza é um problema imediato, olhemos então para uma questão de longo-prazo. Por que os chineses não têm enviado barcos com suprimentos a Cuba? Eles apenas não desejam ter um confronto frontal com os EUA sobre essas questões. Então eles estão limitados por seu lugar no mundo. Eles são poderes defensivos. Eles não têm a capacidade de agir de uma forma ofensiva contra o Norte Global, que é responsável por 75% dos gastos militares e, dessa forma, tem um exército muito poderoso. Eles [chineses e russos] não querem que as coisas explodam.

2. Houve uma tentativa de aproximar Irã e Arábia Saudita por meio de mediação chinesa. Poderia essa mediação alterar a ordem regional e global?

VP – Em 2013, quando a China anunciou que estava construindo um novo projeto chamado “One Belt, One Road”, que depois se tornou o “Belt and Road”, inicialmente o objetivo era trazer os países da Ásia Central a uma relação mais próxima com a economia chinesa para que pudesse reordenar seu crescimento econômico desigual [interno]. Esse crescimento estava acontecendo na costa do Pacífico, em Shenzhen, Shanghai, e assim por diante. Havia pouco crescimento acontecendo na China ocidental, nas áreas de Xinjiang e Tibet, por exemplo. “One belt,

One road” era uma forma de reorientar e reequilibrar a economia e de iniciar um desenvolvimento. Hu Jintao⁶, chamava [o projeto] de “Go West”, usando uma velha expressão americana: “Go West, young man”. Isso significava que era necessário integrar [aquela parte da China] à Ásia Central porque os melhores mercados não seriam aqueles da costa do Pacífico, mas sim os da Ásia Central.

Havia uma enorme produção de algodão da região de Xinjiang que ia para o resto da China, mas eles queriam a integração com a Ásia Central. O sonho, portanto, era construir uma estrada de ferro através da Ásia Central, contornando o Afeganistão por cima, atravessando o interior do Irã até o Lago Vã, que divide Irã e Turquia. Essa estrada que chegaria à Turquia permitiria aos chineses transportar bens para a Europa por meio terrestre. Foi assim que o Irã entrou na equação chinesa e foi assim que a China se tornou uma das principais apoiadoras do Irã durante o período de sanções. [Empresas] de construção chinesas reconstruíram partes de Teerã que foram esvaziadas pelas sanções e o Irã se tornou parte do plano econômico do “Belt and Road” como um ator geograficamente importante porque conectava a Ásia Central com a Europa.

Já a Arábia Saudita se tornou importante porque a China é um importador de combustíveis fósseis, particularmente produtos de petróleo, e os têm importado do Irã e outros lugares. No

entanto, não há substituto para a Arábia Saudita, um dos maiores produtores de petróleo do mundo. A China, portanto, também queria que a Arábia Saudita olhasse para o Leste e mudanças também estavam ocorrendo em solo saudita. O Príncipe Herdeiro, Mohammed bin Salman, que começou uma guerra terrível contra o Iêmen, percebeu muito rapidamente que o Ocidente não seria capaz de atender às suas ambições, já que queria mudar e se afastar de combustíveis fósseis e tornar-se um importante centro comercial. Eles queriam construir a primeira grande cidade inteligente e levaram o Instituto McKinsey para escrever o relatório “Saudi 2030”.⁷ No entanto, a Arábia Saudita não conseguiu a assistência que queria do Ocidente. A partir daí eles começaram a olhar para a China para que provessem assistência técnica e outros tipos de ajuda, e a China demonstrou vontade de atender. Então a Arábia Saudita e o Irã foram até a China para um aperto de mão em grande parte porque o país chinês necessita de ambos os países para seus planos e não poderia continuar com seus projetos se as potências do Oriente Médio continuassem a ser antagonistas. Assim, não é que a China trouxe Arábia Saudita e Irã para apertarem as mãos porque estava fazendo algo humanitário, ela tinha razões econômicas. A maioria dos Estados socialistas são governados pelo interesse nacional porque o governo deve colocar os interesses de seu povo acima de qualquer coisa. A China tem

interesses nacionais e por isso ela unificou esses países [Irã e Arábia Saudita] a certo ponto.

Você pode mudar o mundo por uma série de razões. Certamente, se a China for capaz de acelerar uma grande barganha entre Irã e Arábia Saudita e eles decidirem diminuir a tensão e a competição no Iraque, na Síria, no Iêmen, na Palestina e amenizar a competição no Líbano, onde a tensão é muito alta, haverá uma enorme mudança na região. Dez anos atrás eu escrevi dizendo que a coisa mais importante para o Oriente Médio é que ocorresse uma grande negociação entre Irã e Arábia Saudita. Ainda não estamos lá, mas é algo que está na mesa. A China fez isso por suas próprias razões, mas o resultado pode ser muito bom. Então, se a China fizer essas coisas por suas próprias razões em diferentes partes do mundo, os resultados podem acabar sendo muito benéficos ao criar um ambiente global menos tenso.

3. Em relação aos Brics, primeiro, o Brasil. Nós sabemos que a partir de 2000, Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e Dilma Rousseff tiveram uma relação ambígua com Israel. Quando Jair Bolsonaro chegou ao poder em 2019, vimos uma diferença: era muito mais pró-Israel do que os governos anteriores. Após ser reeleito em 2023, Lula tomou uma posição surpreendente ao acusar Israel de genocídio em Gaza. Como você enxerga a posição

do Brasil nessa conjuntura? Essa posição poderia influenciar o bloco dos Brics?

VP- O Brasil não é diferente de muitos países da América Latina que viram uma onda de crescimento do cristianismo evangélico. A população evangélica não está crescendo apenas social e culturalmente, mas também politicamente. Muito desse evangelismo é inspirado por igrejas dos Estados Unidos e também impactam a África Oriental. Essa tendência evangélica - Batistas e outros - têm uma compreensão curiosa do Oriente Médio. As pessoas ligadas a essa tendência acreditam que, se a população judaica no mundo retornar a Jerusalém e ao Monte do Templo, os cristãos ascenderão aos céus. Ali [em Jerusalém] há também a Mesquita de al-Aqsa, de onde se diz que Muhammad ascendeu⁸ para receber a revelação, o que a faz ser muito importante para os muçulmanos. Em uma das extremidades está o Monte do Templo, onde se diz ter sido a base para o Primeiro Templo que estava lá para o povo judeu. Então muito o que as tradições evangélicas acreditam é que a população judaica deve retornar a Jerusalém, destruir a mesquita de al-Aqsa e construir o Segundo Templo naquele exato local para que Deus mate todos os infiéis, incluindo os judeus, e assim os cristãos ascenderão aos céus. Essa é a mais genocida de todas as fés religiosas.

Bolsonaro surfou nessa onda de um levante político evangélico e, assim como Javier Milei

[presidente da Argentina], levantam a bandeira israelense, mas não como um tipo de posição pró-israelense ou uma questão de geopolítica. O Brasil tem uma grande população libanesa, também uma secção de palestinos. Muitos deles agora estão irritados com o que está acontecendo em Gaza. Então há algumas disputas ocorrendo. É interessante que, na verdade, a população judaica da América do Sul, que anteriormente tinha uma voz mais forte, agora não está tentando definir políticas. Muitos judeus sul-americanos estão na verdade sentidos pelo que está acontecendo em Gaza e não estão sendo os maiores defensores de Israel neste momento.

Então você pode ver que há muitas calibrações e ajustes ocorrendo baseados em mudanças sociais dos últimos vinte anos. A emergência dos evangélicos teve um impacto na relação da América do Sul com Israel. Não é mais a comunidade judaica organizada na Argentina que joga um papel importante, agora são as igrejas evangélicas que estão ocupando um papel de liderança. Um outro aspecto [para além dessa mudança social] é que Lula, em primeiro lugar, é uma pessoa muito comprometida e acredito que foi sensibilizado pela característica qualitativa diferente dessa guerra que ocorre em Gaza. [O genocídio] é qualitativamente diferente de qualquer outra coisa de quando ele estava no cargo [nos dois primeiros mandatos]. De qualquer forma, tenho um sentimento de que Gustavo

Petro [Presidente da Colômbia] se adiantou a todo mundo. O presidente colombiano referiu-se diretamente aos ataques como genocídio e que estes tinham que parar. Acho que Petro influenciou outras pessoas e teve um papel muito importante nisso. Assim, não acredito que Lula estava liderando, mas que foi liderado.

Em segundo lugar, Lula foi trazido para essa política também porque ele é um político muito esperto e tem consciência de que grande parte do público eleitoral brasileiro é muito conservador. De fato, há um debate interessante a se fazer. O Brasil é uma sociedade progressista? Eu não acredito. Acho que vocês têm um presidente progressista diante de uma sociedade de centro-direita, e Lula tem consciência disso. Eles [o governo] não têm a capacidade de movimentar uma agenda realmente progressista porque teria que forçar e não há espaço político para fazer as coisas à força. Você terá que negociar com a direita, que na verdade domina o Brasil. Então é um país de centro-direita e Lula foi puxado por Petro sobre Gaza, que fez o primeiro movimento nesse sentido. Não acho que as pessoas devem superestimar suas capacidades porque estamos lidando com realidades materiais, incluindo o crescimento do evangelismo. Essas são forças materiais, é algo real.

4. Sobre o tema da solidariedade. Vemos não apenas partes da comunidade judaica fazendo ações e protestando contra Israel, mas também grandes setores de movimentos populares nos EUA e na América Latina. Estamos vendo algo novo em termos de vozes contra o sionismo e também contra o apoio dos EUA ao que está ocorrendo em Gaza?

VP - O nível dos protestos de rua que vemos no Norte Global é incrível. As pessoas estavam radicalizadas. A natureza qualitativamente diferente desses bombardeios [em Gaza] radicalizou gerações de pessoas, que não verão o mundo da mesma forma que viam antes da primeira semana de outubro. Acho que isso terá um efeito social que ainda não sabemos como interpretar. Em um país como os Estados Unidos, esta questão está entrando e se inserindo na eleição que ocorre no final do ano [2024]. Há partes da população que afirmam: "Nunca votarei em Biden porque ele é o Joe Genocídio (Genocide Joe)".⁹ Mas também dizem que, caso Biden não ganhe, Trump vai ganhar. Então, o que fazer? Esse é um problema fundamental em um sistema bipartidário. As pessoas estão debatendo, mas elas estão radicalizadas. Elas simplesmente não vão voltar ao *status quo*. Acho isso positivo.

Israel está, de fato, no limiar de ser visto como um Estado pária. Altos funcionários e ex-funcionários do governo israelense vieram a público e disseram: "se não mudarmos o que

estamos fazendo, seremos deslegitimados aos olhos do mundo". Não acho que "deslegitimados" seja a expressão correta, mas acho que começarão a parecer um Estado pária. Muitos jovens em todo o mundo estão dizendo que se altos oficiais de Israel tentarem visitar seus países, [pedirão a aplicação] da jurisdição universal, aquela que o juiz espanhol Baltasar Garzón usou contra Augusto Pinochet.¹⁰ Por exemplo: se forem dar uma palestra em algum lugar, haverá jovens em pé gritando contra eles, alguém ameaçando prendê-los e assim por diante.

Isso também mudará a política em outros países. As pessoas vão repensar os sistemas bipartidários no Reino Unido, por exemplo. Houve uma eleição em Rochdale, um subúrbio pobre de Manchester, com um candidato trabalhista, um candidato conservador, um candidato liberal democrata e George Galloway, que concorreu em uma campanha sob o Partido dos Trabalhadores Britânicos. O Sr. Galloway se candidatou com base em duas propostas: 1) cessar-fogo imediato em Gaza; e 2) por que Rochdale não tem hospital? Por que uma pessoa não pode nascer em Rochdale? Uma observação muito boa que ele fez, o que permitiu que falasse sobre educação e assim por diante. Foi com base nisso que ele concorreu. Ele derrotou todos os outros partidos juntos. Ganhou 36-37% dos votos e é o novo membro do parlamento representando Rochdale. Como isso aconteceu? Porque ele colocou a questão da

Palestina e a questão da austeridade diretamente sobre a mesa.

5. Agora sobre a Índia. A Índia manteve relações próximas com Israel. Então, na correlação dos Brics, como está a Índia hoje? Diante da situação política atual, como o país se coloca dentro das dinâmicas de política externa em relação a Palestina/Israel?

VP - A Índia é interessante porque, de 1947 - quando a Índia foi basicamente estabelecida, embora a constituição tenha sido promulgada em 1950 - até aproximadamente 1991, a Índia foi pioneira na definição dos termos de uma política externa não-alinhada, movimento criado em Belgrado, em 1961, juntamente com Gana, Egito, Iugoslávia e Indonésia. A ideia do bloco era não aderir a nenhum dos dois blocos, o soviético e o ocidental. O Terceiro Mundo deveria ter sua própria política externa. Aí, depois de 1991, ocorreu algo muito interessante. Quando a União Soviética entrou em colapso, em julho de 1991, a Índia teve de recorrer ao FMI [Fundo Monetário Internacional] porque tinha um déficit na balança de pagamentos. Naquele momento [pós-Guerra Fria], os EUA estavam no comando e disseram: "veja, você pode ter sua balança de pagamentos resolvida, nós vamos cuidar disso, mas você precisa mudar sua política externa". Nesse momento, a elite governante indiana estava

perdendo a confiança na ideia do não-alinhamento porque esta havia colapsado. Assim, na época, a Índia concordou em abrir um diálogo com os EUA.

Na época, fiz uma entrevista com um diplomata sênior do governo dos EUA e ele me contou que seu governo disse aos indianos que se quisessem construir uma estrada para Washington, essa estrada teria que passar por Tel Aviv. "Se a Índia não normalizar suas relações com Israel, vocês não podem fazer um acordo conosco". Então a Índia normalizou relações com Israel como parte da tentativa de chegar a Washington. Aí as coisas se tornam mais interessantes. Em 1996, quatro anos depois da normalização, houve um governo de extrema-direita na Índia por um curto período de tempo. Esse governo autorizou a explosão de duas bombas nucleares em 1998. Foi o segundo teste na história, o primeiro foi em 1974. Então depois dos testes de bombas nucleares em 1998, os EUA impuseram a Emenda Pressler¹¹. Esta, que é uma forma de lei do Congresso, dizia que se um país viola o tratado de não-proliferação, então certas armas não poderiam ser vendidas ao mesmo país, ou seja, depois de 1998, a Índia não podia adquirir certos sistemas de armas dos EUA. A Índia costumava comprar todas as suas armas da União Soviética, mas depois do colapso soviético, esse setor levou muito tempo para se recuperar. Portanto, a Índia estava [militarmente] estagnada.

Em 1998/1999, houve um conflito com o

Paquistão que se tornou uma guerra: a guerra de Kargil. A Índia estava muito interessada em encontrar um novo suprimento de armas e eis que surge Israel. Israel tem uma indústria de armas ligada aos Estados Unidos, com *joint ventures*, e não está sob a Emenda Pressler. Assim, Israel começou a fornecer armas à Índia, a ponto de a Índia se tornar o segundo maior importador de armas israelenses do mundo. É claro que isso gera uma grande receita para o governo israelense, incluindo dispositivos de vigilância, equipamentos antiprotostos e assim por diante. Mais tarde, quando o governo de extrema-direita chegou ao poder em 2013, eles desenvolveram uma espécie de vínculo fraternal, uma espécie de aliança antimuçulmana.

Entretanto, por trás disso, ainda há uma contradição porque o governo indiano ainda precisa, de certa forma, representar o povo indiano. Na medida que a Índia recuperava sua confiança - em 1991, o país foi humilhado quando perdeu seus aliados-, com um governo de extrema-direita no poder, eles tiveram que desenvolver um novo tipo de política externa independente. É isso que eles têm feito no último período e é por isso que, embora o governo de extrema-direita tenha políticas domésticas terríveis, a Índia traçou uma espécie de linha independente de política externa, recusando-se a romper com a Rússia e assim por diante. Em relação a Israel, é complicado porque esse governo [indiano] compartilha com

Israel essa ideia anti-islâmica e de que os muçulmanos são terroristas. É uma ideia terrivelmente racista. Há também a compra de armas, ou seja, há um engajamento que vai além do argumento ideológico racista.

Outro ponto é que a Índia é um grande importador de energia da Arábia Saudita, portanto o governo não pode vir a público e dizer “Estamos ao lado de Israel” e, ao mesmo tempo, não diz que está ao lado da Palestina. O que a Índia disse reiterou o posicionamento chinês. O ministro das Relações Exteriores [indiano] disse que é preciso haver um ajuste permanente para a solução de dois Estados. Obviamente, a solução de dois Estados [na Palestina] não é mais válida. A Cisjordânia está tomada e cortada por assentamentos ilegais, pelo muro do *apartheid*, e grande parte de Jerusalém Oriental foi anexada. O livre acesso dos palestinos da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental à Gaza foi bloqueado desde o início. Portanto, a natureza contígua de um Estado palestino não foi permitida. É impossível imaginar uma solução de dois Estados, mas, neste momento, a razão pela qual chineses, indianos e outros estão se referindo à solução de dois Estados é porque imaginam que, a partir disso, seja possível garantir que os israelenses não anexem Gaza e basicamente façam uma limpeza étnica dos palestinos naquele território. Portanto, essa é, na verdade, uma declaração defensiva.

6. Agora sobre Cuba. Podemos dizer que durante o governo de Barack Obama (2009-2016) houve um relaxamento do bloqueio, das restrições de viagem a Cuba. Como Cuba é altamente dependente do turismo, das rendas enviadas por seus cidadãos no exterior, isso levou a uma melhora da vida no país. Quando Trump chegou ao poder em 2017, ele implementou medidas e restrições mais duras. Como é possível aliviar ou melhorar a situação no curto prazo? Nesse sentido há a possibilidade de Cuba se aproximar dos Brics, ou entrar nos Brics, e assim mudar sua situação?

VP - Agora, em 2024, lancei um livro escrito em conjunto com Noam Chomsky chamado "On Cuba". Um dos argumentos que apresentamos é que desde o governo de Dwight Eisenhower [1953-1961], quando ocorreu a Revolução Cubana [1953], até Joe Biden [2021-2024], há uma política ininterrupta. A mudança de política do Sr. Obama é, na verdade, de natureza tática. Essa política [ininterrupta] é derrubar a Revolução Cubana, desde Eisenhower até Biden. Obama decidiu que o embargo não estava facilitando a derrubada da Revolução Cubana e disse: "vamos nos abrir para Cuba", deixar Cuba permitir a entrada de *commodities* na ilha e vamos derrubar a Revolução com capitalismo. Vamos simplesmente bombardeá-la com anúncios, com Internet, com mercadorias e o povo cubano evoluirá da revolução para o capitalismo.

Trump, após eleito, veio e disse: "Esqueça essa abordagem, vamos para a linha dura". Portanto, havia uma linha direta [entre essas duas abordagens]. É verdade que quando Obama disse "vamos abrir um pouco as coisas", isso ajudou as pessoas, já que elas abriram pequenos negócios, começaram a fazer mais turismo e assim por diante. Mas o motivo pelo qual ajudou não foi em prol da Revolução, e sim para miná-la. De qualquer forma, suas ações abriram as portas para o povo, o que mostra que quando o embargo ou o bloqueio é afrouxado, isso ajuda as pessoas em sua vida cotidiana. Isso provou estatisticamente, de forma conclusiva, que o bloqueio está prejudicando as pessoas e que a única maneira de, de fato, ajudar os cubanos é romper ou remover o bloqueio.

Quando a Venezuela estava em uma situação diferente, ela simplesmente desconsiderava o bloqueio. Eles estabeleceram acordos de petróleo, levaram petróleo a Cuba e forneceram vários tipos de apoio alimentar. O México também, até certo ponto, simplesmente contornou o bloqueio. Isso é mérito do México, da Venezuela e de outros países que fazem isso. Recentemente, a Rússia também tem feito algumas trocas comerciais. A Turquia é outro país que disse efetivamente não se importar. No entanto, esses países estão ignorando o bloqueio e é muito importante acabar com o bloqueio. Há outros países que gostariam de ter relações normais com Cuba, mas têm muito medo. Há

países no Caribe, por exemplo. Cuba poderia liderar um projeto no Caribe para unir os países. Portanto, tudo isso é bom para pensarmos que quebrar o bloqueio é de fato essencial para a sobrevivência da Revolução Cubana. Acabar com o bloqueio é vital para o florescimento da Revolução e para o florescimento do Caribe, que está sendo paralisado pelo bloqueio.

A direita se integra por meio de empresários. A esquerda se integra por meio de organizações democráticas de massa. Essa é a diferença entre a CARICOM, que é basicamente uma integração feita por empresários, e uma federação genuína de países do Caribe, que os cubanos poderiam ter liderado. Portanto, não há substituto. Você pode ter seis navios turcos atracando em Cuba, fornecendo alguns suprimentos. Isso é muito importante, vital, absolutamente essencial, mas é preciso acabar com esse bloqueio porque ele impede que Cuba respire o ar do Caribe.

7. Última pergunta, falando de bloqueios e sanções. Se considerarmos o modo de sanções e bloqueios que os EUA aplicam no mundo como um padrão que vem desde Woodrow Wilson, passando pelo momento mais duro e de maior escopo de Trump, pensemos sob o argumento de que esse padrão não funciona. Analisando os casos do Iraque, da Rússia, de Cuba, as sanções

não atingem o objetivo final dos EUA. Então como analisamos o consenso atual nesse Bloco do Norte ao redor das sanções hoje? Qual a racionalidade por trás das sanções ainda hoje e quais suas consequências globais?

VP – Primeiro, a razão pela qual a ONU [Organização das Nações Unidas] tem uma relatora especial sobre sanções, Alena Douhan¹², basicamente é porque a maioria das sanções, principalmente as impostas pelos Estados Unidos, são ilegais. A Carta da ONU de 1945 é um dos documentos mais importantes do mundo porque é o tratado que o maior número de países assinou. A Carta diz que quando há um conflito com outros Estados, deve haver um procedimento para esse conflito. O capítulo 6 detalha as abordagens não-militares que podem ser adotadas, incluindo sanções. Mas ele diz explicitamente que o capítulo 6 só pode ser invocado sob uma resolução do Conselho de Segurança da ONU. Não é possível usar unilateralmente os instrumentos do capítulo 6 contra outro Estado membro da ONU. O capítulo 7 autoriza a força militar. Mais uma vez, a Carta diz que o capítulo 7 não pode ser usado sem uma resolução do Conselho de Segurança da ONU. É por isso que a guerra contra o Iraque foi ilegal. Os Estados Unidos bombardearam o Iraque em 2003 sem uma resolução da ONU. As sanções são ilegais porque não há nenhuma resolução do Conselho de Segurança da ONU que diga, por exemplo, que todos os Estados-membros podem sancionar a

Venezuela ou que todos os Estados-membros podem sancionar o Zimbábue. Não há qualquer processo por meio do capítulo 6. Portanto, todas essas sanções são ilegais, contra a lei internacional, não importa o que a Venezuela tenha feito.

Se os Estados Unidos tiverem um problema com a Venezuela, podem recorrer a um tribunal estabelecido pelas Nações Unidas. É a Corte Internacional de Justiça (CIJ), um tribunal para fazer reclamações intergovernamentais. Há também o ICC, o Tribunal Penal Internacional, a que eles podem recorrer no caso de uma acusação contra um indivíduo. Já o CIJ é o lugar onde um governo tem de fazer uma queixa contra outro governo. Esse é o caminho internacionalmente legal a ser seguido. No entanto, eles estabelecem sanções unilaterais. Agora, se você ler o relatório da relatora sobre sanções ilegais, medidas prejudiciais e outros temas, você verá que essas sanções na verdade têm um impacto deletério. Porque, independentemente do declínio sofrido pelos Estados Unidos ou pela Europa, eles ainda controlam o sistema financeiro mundial.

Por exemplo, se eu precisar enviar dinheiro a você, é provável que terei de usar o Sistema Swift. Isso significa que a mensagem vai para a Bélgica, onde o Sistema Swift está estabelecido, e depois vai para o Brasil. Então, falo de Santiago, no Chile, onde estou. Eu faço uma transação bancária online para te enviar dinheiro até São Paulo. Essa

mensagem tem de passar pela Bélgica para chegar ao Brasil. Mas se a União Europeia sancionou o Brasil, minha transferência é complicada. Eles cortaram o Irã do Swift, então, como vai enviar dinheiro para as pessoas lá? Assim, eles dificultam a vida das pessoas comuns. Portanto, as sanções, por mais ilegais que sejam, têm um impacto sobre os países.

Outros países podem aparecer e dizer: "Nós os ajudaremos a contornar sanções. Vocês farão operações financeiras separadas". O problema é que o custo de mudar de um sistema de envio estabelecido para outro é muito alto. Um outro exemplo: você tem um mecanismo de busca como o Google, que 80% do mundo usa. Você pode desenvolver outros serviços de conexão, mas até que eles se tornem tão bons, você está fazendo isso por necessidade, não por escolha. E é aí que as sanções têm um grande impacto em um país.

Entrevista e transcrição realizadas por:

Arturo Hartmann e Reginaldo Nasser

Revisão:

Karime Cheaito

Nota: Colchetes acrescentados pelo transcritor para fins explicativos

Notas

¹Esta pesquisa contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processo n. 465460/2014-3).

²Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/estudos-sobre-dilemas-contemporaneos-4-hiper-imperialismo/>

³The **poorer nations**: a possible history of the Global South. Nova York: Verso, 2012.

⁴Segundo o site da organização, a OTAN+, se refere a essa expansão como “Parcerias da OTAN”, listando 40 Estados não-membros do bloco que trabalham em cooperação com o núcleo central de 32 países. (https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_84336.htm)

⁵A FEYIN foi originalmente formada no pós-2ª Guerra Mundial, composto por cinco membros (EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia). Hoje, a associação de inteligência intergovernamental inclui outros países europeus e países parceiros, como Israel e Japão (na FtEYN 14+). (<https://www.dni.gov/index.php/ncsc-how-we-work/217-about/organization/icig-pages/2660-icig-fiorc>; <https://www.publicsafety.gc.ca/cnt/ntnl-scrf/fv-cntry-mnstrl-en.aspx>; <https://protonvpn.com/blog/5-eyes-global-surveillance?srsltid=AfmBOooEXCtgHZ4qlcWpCN9an8fenABIANQC0eLIYGJ0J1P38F1yjuKd>)

⁶Hu Jintao, político chinês, foi secretário-geral do Partido Comunista Chinês de 2002 a 2012 e presidente da China entre 2003 e 2013.

⁷Prashad se refere ao relatório do Instituto Global McKinsey, lançado em dezembro de 2015, sob o título “Saudi Arabia Beyond Oil: the investment and productivity transformation” Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/employment-and-growth/moving-saudi-arabias-economy-beyond-oil>. Acesso em: 12 ago. 2024

⁸Al-Aqsa é considerado o terceiro local mais sagrado para os muçulmanos, depois de Meca e Medina, ambas situadas na Arábia Saudita. A tradição islâmica relata que o profeta Mohammad foi transportado de Meca para Al-Aqsa e, a partir daí, ascendeu aos céus.

⁹A entrevista foi realizada em 22 de março, antes da desistência de Joe Biden de concorrer pelo Partido Democrata, dando lugar à indicação de Kamala Harris.

¹⁰Em 16 de outubro de 1998, o juiz espanhol Baltazar Garzón emitiu um mandado internacional de prisão para o ditador chileno Augusto Pinochet, que naquele momento, aos 82 anos, viajava ao Reino Unido por motivos de saúde. Pinochet chegou a ser preso durante 503 dias, mas o pedido de extradição à Espanha de Garzón não foi atendido pelo governo britânico. De qualquer forma, o episódio marcou a jurisprudência internacional sobre crimes contra a humanidade (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/16/internacional/1539652824_848459.html).

¹¹A Emenda Pressler (1985) ao Ato de Assistência Externa (1961) declarava que nenhum equipamento militar ou de tecnologia seria provido ao Paquistão a não ser que o presidente dos EUA certificasse que o país não possuísse um dispositivo explosivo nuclear. Em 2001 o governo dos EUA aplica a emenda à Índia (<https://www.dawn.com/news/1335979>)

¹²É atualmente a Relatora Especial sobre os impactos negativos de medidas coercitivas unilaterais (<https://www.ohchr.org/en/special-procedures/sr-unilateral-coercive-measures/professor-alena-douhan-special-rapporteur-negative-impact-unilateral-coercive-measures>)